

RELAÇÕES RETÓRICAS ESTABELECIDAS PELA RETEXTUALIZAÇÃO DE INSERÇÕES PARENTÉTICAS

Monique Bisconsin Ganasinⁱ (UEM)

Geisa Pelissari Silvérioⁱⁱ (UEM)

Resumo:

Este trabalho objetiva analisar as relações retóricas que emergem na retextualização de textos orais para textos escritos, os quais são delimitados com trechos de inserção parentética. Como procedimento metodológico, será aplicada uma atividade de ensino aos alunos de graduação do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá. Esse exercício será propor a retextualização de textos de língua falada (elocuições formais – aulas de curso superior), que fazem parte do corpus do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná) para língua escrita. Esses textos são manifestações da estratégia de inserção parentética, a qual é utilizada pelo falante com o objetivo de inserir informações pertinentes ao assunto ou, ainda, realizar uma retomada de ideias. A concepção de língua falada, que embasa o estudo, considera que esta e a língua escrita não são modalidades estanques, ou seja, organizam-se dentro de um contínuo tipológico, embora existam características específicas da fala: o não-planejamento, que tende a construir um texto oral fragmentado, com um fluxo discursivo descontínuo; pressões de ordem pragmática, que levam o falante a não utilizar a sintaxe tradicional. Essas características são marcadas no texto falado em forma de hesitações, truncamentos, falsos começos, correções, dentre outros. Ao se pensar a língua em uso, considera-se a corrente funcionalista, a qual observa aspectos além dos comumente determinados pela visão tradicional de língua. Nesse viés, adotou-se, no trabalho, a teoria da RST (Rethorical Structure Theory), uma teoria de cunho funcionalista, a qual parte da ideia de que, no texto, há relações que se estabelecem por meio de suas partes, além das que são identificadas pelo seu conteúdo explícito. A partir da análise do corpus, pretende-se apontar quais relações retóricas emergem ao retextualizar o texto, evidenciando as mais variadas leituras que resultam dessa reescrita.

Palavras-chave: Estrutura Retórica do Texto, Inserção Parentética, Retextualização.

1 Introdução

Sabe-se que o falante, ao deparar-se com diferentes situações comunicativas, necessita adequar seu discurso a fim de obter com êxito a compreensão do seu interlocutor. Desse modo, o interlocutor faz uso de estratégias de construção do texto, tanto na modalidade oral quanto na escrita, agindo sobre seu ouvinte/leitor de modo pragmático, ou seja, dando ênfase em determinada ideia, relembrando alguma informação já mencionada, expandindo um conteúdo, explicando certo assunto, entre outros. Uma dessas estratégias diz respeito à inserção parentética que se refere a informações independentes acrescentadas no discurso com os diferentes propósitos anteriormente citados.

Sendo assim, o presente artigo visa analisar as relações retóricas emergentes em retextualizações de inserções parentéticas. Com isso, o corpus do trabalho constitui-se de quatro retextualizações de língua falada – aulas de ensino superior – para a língua escrita, promovidas por alunas do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Para tanto, a teoria que embasa este trabalho é a Funcionalista, que estudará a língua em uso e suas diversas funções, dentre as quais se insere a Rethorical Structure Theory (RST). Esta procura compreender a organização

textual e a maneira como a função pragmática da língua influencia nas escolhas lexicais e sintáticas do falante.

2 Língua Falada e Língua Escrita

A fim de se compreender os diferentes usos da língua, é fundamental compreender que tanto a fala quanto a escrita não são modalidades estanques. Ao contrário, apresentam-se como um contínuo tipológico. No que diz respeito ao planejamento do discurso, evidencia-se um possível contínuo para a fala e a escrita, sendo que há quatro níveis de planejamento: discurso falado não planejado, discurso falado planejado, discurso escrito não planejado e discurso escrito planejado. Sendo assim, visando analisar textos de diferentes tipos, muitos pesquisadores acabam por equivocar-se em suas considerações, uma vez que atribuem as diferenças constatadas à modalidade de língua em estudo. Isso significa que se seleciona para cada modalidade um certo gênero textual e muitas das divergências que aparecem, nesse caso, são derivadas justamente pelas características não comuns dos tipos de texto.

Embora se utilizem do mesmo sistema, a modalidade oral e a modalidade escrita distinguem-se em relação aos métodos de produção, transmissão, recepção e de estruturas de organização. Como a teoria gramatical advém da linguagem escrita, a língua falada é, por muitas vezes, criticada quando analisada por esta mesma gramática. Isso se deve ao fato de a fala não planejada previamente apresentar um texto quase sempre fragmentado (CHAFE, 1985) e com descontinuidades no fluxo discursivo (KOCH, 2006). Para esta autora, o falante, buscando adequar-se às diferentes e menos rígidas situações de fala não planejada, isto é, considerando aspectos de ordem pragmático, sacrifica “a sintaxe em prol das necessidades de interação” (p. 46). Observam-se no texto oral, em decorrência disso, falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, inserções parentéticas, repetições e paráfrases, os quais, em grande parte das vezes, atuam como estratégias de construção do texto falado, “servindo a funções cognitivo-textuais de grande relevância” (KOCH, 2006, p. 46).

As aulas de curso superior – elocuições formais não marcam ocorrências de interações, pois, como afirma KOCH (2006, p.391), “o professor detém o poder da palavra e produz um discurso praticamente monólogo”, isto é, nessas situações não há probabilidade simétrica de troca de turno: o professor, na posse do turno, procura transpor os conteúdos de forma bastante coesa, munido, para tal fim, de estratégias de retextualização como a correção, a repetição, a paráfrase e a inserção parentética. Entretanto, as trocas de turnos no corpus explicitam-se por serem intervenções na forma de perguntas ou reiteraões, nos momentos em que elas se apresentaram.

A língua, na visão da Linguística Funcional, é como “um instrumento de comunicação cuja estrutura depende da situação interacional e de fatores como a cognição e a comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução”. (NEVES, 2000, p. 03). Logo, o funcionalismo, de acordo com Dik (1989), dá destaque à função que as formas linguísticas desempenham na linguagem, considerando sempre o contexto e a função discursiva, a interação social e competência comunicativa do falante, o propósito, os participantes.

3 Retextualização e a estratégia de inserção parentética

Para se compreender o processo de retextualização, é fundamental observar as diferenças entre língua falada e escrita que são conscientes dos usuários. Ao transpor a fala para a escrita o usuário utiliza-se de diversas operações, sendo justamente está transposição a denominação de retextualização. É importante destacar que essa passagem não é vista como mecânica, uma vez que isso não ocorre de modo natural no âmbito dos processos de retextualização. Na verdade, é um processo o qual possui uma série de aspectos não bem compreendidos na correlação fala-escrita, visto que abrange operações complexas que intervêm no código linguístico e no sentido expresso

dentro de determinado contexto.

Com isso, depreende-se que não se quer, ao trabalhar com a retextualização, propor uma suposta passagem de um texto concebido por muitos como desorganizado (texto oral) para algo organizado (texto escrito). A língua falada se expressa de maneira ordenada no contexto do qual faz parte e não costuma apresentar problemas no nível da compreensão por parte do interlocutor. De acordo com Marcuschi (2000), “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem” (p.47). O que geralmente pode ser constatado como problema nesse processo para o autor é a não compreensão, atividade cognitiva, do texto a ser retextualização e, conseqüentemente, em falhas de coesão e coerência dessa passagem, modificando e interferindo nos reais sentidos do texto o inicial. Isso também produz a falsa ideia de que a fala é concreta e a escrita, abstrata. Sendo assim, como bem ressalta Marcuschi, “a retextualização não é, no plano da cognição, uma atividade de transformar um suposto pensamento concreto em um suposto pensamento abstrato” (2000, p. 47 e 48).

Após a evidente relação de que fala e escrita não se opõem como concreta e abstrata, compreende-se que há duas possibilidades no plano do discurso para se analisar a relação fala/escrita: tanto a língua falada quanto à língua escrita, em suas realizações, podem ocorrer de modo corrente ou elaborado. Justamente devido a isso que as relações entre língua falada e escrita ora se assemelham ora divergem, não permanecendo apenas no âmbito do código lingüístico como muitos acreditam. Logo, é válido observar as variáveis expressas por Marcuschi (2000) para o processo de retextualização: “o propósito ou objetivo da retextualização; a relação entre o produtor do texto original e o transformador; a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização; os processos de formulação típicos de cada modalidade” (p. 54).

Em decorrência dessas variantes, pode-se asseverar que essa passagem da fala para a escrita é um ato consciente do usuário da língua, como já mencionado, e, por isso, este irá utilizar diferentes estratégias para propô-la. Há situações em que informações são introduzidas ou retiradas, formas linguísticas trocadas ou reorganizadas. Dentre essas estratégias, tem-se a inserção parentética, muito comum na fala que, por vezes, ao ser elaborada a retextualização acaba sendo suprimida.

No que diz respeito à inserção parentética, Jubran (2006) defende que “[...] os parênteses têm sido definidos como frases independentes (frases hóspedes), que interrompem a relação sintática da frase na qual estão encaixadas e não apresentam, em relação a ela, uma conexão formal nitidamente estabelecida [...]”. Isso significa dizer que se trata de uma estratégia de inserção de informações ao assunto em relevância naquele momento do texto, elaborando um desvio tópico discursivo, no qual se encaixam alusões ao papel discurso e interacional do locutor e do interlocutor, assim como comentários e avaliações sobre o ato verbal em curso, podendo-se inserir referências à atividade reformulativa. Além disso, Jubran (2006) afirma que os parênteses podem ser utilizados para realizar uma retomada de ideias. A autora ainda reconhece que o grau de variações do desvio de tópico ocorre em diversas escalas e, também, classifica os parênteses que abrangem as relações parentéticas por diferentes funções textuais exercidas. Tal classificação se dá observando os graus de aproximamento ou afastamento do tópico frasal, sendo um com o conteúdo voltado para o enunciado, dois níveis intermediário, e o último nível com maior grau de afastamento do tópico, com o conteúdo parentético totalmente voltado para o ato interacional.

O uso da inserção parentética mostra-se muito eficaz quando se necessita esclarecer ou explicitar informações mais sintetizadas, sendo assim, essa estratégia vai muito além de um desvio de tópico, sendo de total utilidade e com funções específicas e, muitas vezes, necessária para a compreensão do conteúdo tópico. Portanto, a parentetização constitui um dos recursos de evidente entrada de fatores pragmáticos no texto.

4 Análise pela teoria da RST

Um método que estuda as relações que se estabelecem entre partes do texto e não trabalha com estruturas e categorizações mecânicas ou estruturais seria a Teoria da Estrutura Retórica (Rethorical Structure Theory, RST), de cunho funcionalista. Esta teoria utiliza uma análise fundamentada no uso e na intenção do falante em um processo comunicativo e, desse modo, estuda a combinação de orações e a coerência textual por meio do estudo da organização de textos. Conforme afirmam Mann & Thompson (1987), os textos devem ser considerados como cláusulas hierarquicamente organizadas, e não como sistemas com estruturas já previstas pelas normas sintáticas.

São muitos os estudos que adotam a RST como um quadro de investigação para questões linguísticas. O uso bem sucedido da RST valida seus pressupostos, segundo Mann & Thompson (1988), uma vez que a teoria fornece uma maneira geral para descrever relações entre cláusulas num texto, estando elas marcadas ou não. Isso significa dizer que as relações que se estabelecem entre os textos são implícitas, já que podem ou não ser marcadas por indicadores claros. Essas relações implícitas - identificadas pelo conteúdo semântico e pragmático das orações - recebem o nome de proposições relacionais. A informação semântica contida nas proposições relacionais é, para a RST, sempre indispensável. Desse modo, “importa o tipo de proposição relacional que emerge da articulação de cláusulas, e não a marca lexical dessa relação” (DECAT, 2001).

Mann & Thompson (1987) defendem que as proposições relacionais estão em todo o texto, independente da extensão das orações, e são responsáveis pela coerência textual. Assim, é possível perceber que as relações estabelecidas pela RST podem estar presentes tanto na microestrutura do texto (entre orações ou cláusulas) quanto na macroestrutura do texto (porções maiores de texto). De acordo com Van Dijk (1992), a macroestrutura fornece a informação semântica global de um discurso, enquanto a microestrutura abarca conexões em sentenças lineares.

As relações estabelecidas pela RST se dão por meio da ligação entre um núcleo e um satélite. O núcleo, para Taboada & Mann (2006), é a porção que possui a informação mais importante do texto e que contém as informações essenciais para o autor atingir seu objetivo; por sua vez, os satélites fornecem informações adicionais sobre o núcleo e representam as informações secundárias. Portanto, existem esquemas padronizados da RST que indicam os tipos de relação núcleo-satélite e especificam as relações retóricas que ocorrem no texto, exprimindo as intenções do produtor por meio de suas escolhas. Quando a relação se estabelece entre um núcleo e um satélite, ela é denominada mononuclear, por conter uma porção de texto mais central para os propósitos do produtor e que se liga a outra porção de texto, o satélite. Por outro lado, será chamada de multinuclear a relação que se estabelece entre dois segmentos de estatuto semelhante.

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1987) após a análise de centenas de textos por meio da RST. A definição dessas relações consiste em quatro campos: restrições sobre o núcleo, restrições sobre o satélite, restrições sobre a combinação entre núcleo e satélite e sobre o efeito pretendido. Pesquisas têm sido realizadas no sentido de identificar os meios linguísticos utilizados pelos falantes para marcar as relações retóricas (proposições relacionais). Alguns meios já descritos são marcadores discursivos, tempo e aspecto verbais, combinação entre orações (paratáticas/hipotáticas). Além disso, trabalhos também demonstram que as proposições relacionais podem ser reconhecidas pelo destinatário do texto sem ser necessariamente expressas por alguma marca formal (TABOADA, 2006).

Para obter o corpus de análise, foi retextualizado o seguinte trecho de língua falada – o qual pertence ao corpus do Funcpar (Grupos de Pesquisas Funcionalistas do Norte do Paraná) – que tem em sua organização a estratégia de inserção parentética (marcada em negrito). Serão analisadas quatro retextualizações, nas quais se pretende inferir quais relações retóricas emergem apenas das inserções parentéticas.

.. essas primeiras moléculas orgânicas .. combinadas aí .. seriam os aminoácidos,
.. é o que dizem,
.. então foram as primeiras moléculas orgânicas,
.. os aminoácidos que a gente vai ver .. né?
... e aí os aminoácidos .. reagentes químicos .. se combinam,
.. e formam moléculas mais complexas,
.. que .. provavelmente seriam proteínas,
.. que nós sabemos que uma proteína é formada por uma cadeia de aminoácidos .. tá?
... que teriam originado culturas capazes de se autoduplicar.
.. então vamos lá,
.. resumindo,
.. moléculas inorgânicas .. que se combinaram e formaram moléculas orgânicas simples,

Nota-se que, nesse trecho de língua falada, o professor utiliza três inserções parentéticas. Uma primeira observação a ser feita sobre as retextualizações é que a primeira inserção foi ignorada e não foi retextualizada por nenhuma das alunas. Esse fato se deve à questão da importância da informação colocada nos parenteses, ou seja, o professor apenas fez um comentário que não irá interferir no conteúdo/informação posterior. Vejamos a análise:

- (1) Iremos falar sobre os aminoácidos, que seriam as moléculas orgânicas combinadas. Eles são reagentes químicos que se combinam e formam moléculas mais complexas, que seriam, provavelmente, proteínas. **Sabemos que uma proteína é formada por uma cadeia de aminoácidos capazes de se auto duplicar**, ou seja, as moléculas inorgânicas se combinaram e formaram moléculas orgânicas simples.

No exemplo (1), a inserção parentética inicia-se em um novo período como núcleo da próxima unidade de informação, estabelecendo, portanto, uma relação de *reformulação*. Nesse caso, tanto as informações do núcleo quanto as do satélite possuem um peso semelhante, porém, para facilitar o entendimento do aluno, provavelmente, o professor procura reformular esse conteúdo. Tal relação pode ser evidenciada explicitamente por meio da expressão *ou seja*.

- (2) As primeiras moléculas orgânicas foram formadas a partir de aminoácidos. Esses, por sua vez, foram combinados com reagentes químicos, formando moléculas mais complexas, ou seja, as proteínas. As proteínas, **portanto, são uma cadeia de aminoácidos que originam culturas capazes de se autoduplicar**, isto é, são moléculas inorgânicas que se combinam e formam moléculas orgânicas simples.

Em (2), a inserção parentética ocorre por meio de uma retomada com a relação retórica de *conclusão*, marcada explicitamente pelo *portanto*, sendo uma unidade de informação nuclear para a sentença posterior, estabelecendo-se também a relação de *reformulação*, por meio da expressão *isto é*, caso muito semelhante ao exemplo anterior.

- (3) Quando os aminoácidos, combinação de moléculas orgânicas, combinam-se com reagentes químicos formam-se novas moléculas mais complexas, provavelmente proteínas. **É importante lembrar que proteínas são formadas por uma cadeia de aminoácidos, acredita-se que elas tenham dado origem a cultura capazes de se autoduplicar**. Ou seja, moléculas inorgânicas se combinam e formam moléculas orgânicas simples.

No exemplo (3), ocorre algo um pouco distinto das outras retextualizações: a inserção parentética é sinalizada pela relação retórica *parentética*. Nesse caso, o professor usa a estratégia de inserção parentética para lembrar aos alunos alguma informação que ele considera relevante para o entendimento da sentença anterior e posterior. Para retomar o tópico principal, o qual ocorre antes da retextualização, é usada, novamente, a relação de *reformulação*, porém inserida em um novo período e marcada pelo *ou seja*.

- (4) As primeiras moléculas orgânicas que se combinam resultam em aminoácidos. Feita essa primeira combinação, os aminoácidos, que são reagentes químicos, combinam-se entre si e formam moléculas mais complexas, as quais, provavelmente, serão proteínas. **Assim, as proteínas teriam originado culturas capazes de se autoduplicar.** Portanto, concluímos que moléculas inorgânicas se combinaram e formaram moléculas simples.

Por fim, em (4), nota-se que apenas a última inserção parentética foi retextualizada, diferentemente dos exemplos anteriores. A sentença inicia-se estabelecendo uma relação de *resultado* com a informação anterior, servindo como núcleo para o próximo período, no qual se estabelece a relação de *conclusão*. Tais relações foram marcadas explicitamente por meio do *assim* e do *portanto*.

Conclusão

A partir do trabalho apresentado, compreende-se que o usuário da língua, ao interagir com seu interlocutor, utiliza recursos para se fazer compreensível, que nem sempre são considerados pelos estudos normativos da língua. No que diz respeito às diferentes modalidades da língua, oral e escrita, é evidente que cada uma possui suas estratégias e não se distinguem como manifestações concretas e abstratas. Ao contrário disso, ambas podem ocorrer de maneira corrente, como um fluxo de pensamento, ou elaboradas, dependendo do contexto de produção e gênero textual utilizado.

Observou-se que um desses recursos, ou seja, uma dessas estratégias, denominada como inserção parentética, auxilia o falante a acrescentar dados independentes no discurso. Esses acréscimos possuem diferentes objetivos como expandir uma informação, lembrar certo assunto, entre outros. Sendo assim, ao se propor, neste trabalho, uma atividade de transposição da fala para a escrita, visando observar as relações retóricas que dela emergiram, conclui-se que tais relações apresentam basicamente o mesmo propósito que a estratégia de inserção parentética. Isso significa dizer que as relações estabelecidas por essas inserções são aquelas que o falante, no caso deste trabalho, o professor, utilizou para ser compreendido em seu discurso, objetivando não apenas ser compreendido no conteúdo mas também o aprendizado de seu aluno.

Referências Bibliográficas

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.

DECAT, M.B.N. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001.

DIK, C. S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RIEUA: Foris Publications, 1989.

JUBRAN, C.C.A.S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.V. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. v.1, Campinas/São Paulo: Ed. da Unicamp, 2006. p.27-38.

KOCH, I.G.V. Especificidade do texto falado. In: _____ (Org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do Texto Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006. p. 39-46.

MANN, W.C. & THOMPSON, S. A. *Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization*. ISI/RS-87-190,1987.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. S. Paulo: Cortez, 2000.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

TABOADA, M.; MANN, W. *Rhetorical Structure Theory: Looking back and moving ahead*. *Discourse Studies*, 8(3):423-459, 2006.

i **Monique Bisconsin GANASIN, Mestranda**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

monique_ganasin@hotmail.com

ii **Geisa Pelissari SILVÉRIO, Mestranda**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

geisa_pelissari@hotmail.com